



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 7 de Fevereiro de 1981 * Ano XXXVII — N.º 963 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Servo disponível

AQUI, LISBOA!

□ Ao fazer a mala e queimar tanta papelada nascida da construção e vida da nossa Aldeia do Gaiato de Malanje, descobri a fotografia do Lupri sentado nos joelhos do pai. Este era motorista e antes das suas viagens longas entregava o filho ao cuidado das Irmãs de Saurimo. Com o tiroteio do 25 de Abril não apareceu mais. O Lupri veio para a nossa Casa. Quando lhe entreguei a foto ficou pensativo e triste. Tem oito anos e uma tal sede de carinho nos olhos que me faz estremeecer.

Recordo que antes de sair de nossa Casa, perguntei ao Delegado de Educação: — E os

mais pequeninos, quem lhes dará o carinho?

— «Sem dúvida que poremos aqui uma assistente social que os acompanhe», respondeu.

Sorri. Claro que a dita nunca apareceu e o Lupri vive perdido na sua antiga Casa.

□ P.e Carlos pediu-me que escrevesse umas palavras à nossa família de Leitores e família da Obra. Enquanto espero uma oportunidade para recolher as lágrimas do Lupri e de lhe deixar as minhas para que não se sintam só... tenho pensado muito — o que me reconforta — no nosso Pai Américo.

A sua figura de Padre — capa e batina — nas vielas escabrosas do Barredo, nas ruas duvidosas de Coimbra, a bater a portas, a subir escadas carunchosas, em contacto íntimo com os mais pobres, os mais abandonados e os mais doentes.

Nos seus livros — sinto o seu perfil de poeta. Poesia humana, viva, social. A sua prosa é hino contínuo de beleza palpante. Hinos de pai, de mãe, de Homem bom e compreensivo.

Finalmente — na Capela — silencioso, austero consigo mesmo, na sua intimidade com o Senhor — a sua imagem de santo.

Pois... a ele, com fé, entrego a orientação da sua Obra da Rua — nesta hora da minha timidez e no reconhecimento da minha pequenez.

Depois desta entrega, só um desejo: ser servo disponível dos nossos Padres, Senhoras da Obra, nossos Casais, todos os Rapazes e dos para os quais somos — os nossos Pobres e Doentes.

● É uma realidade bem palpável, se é que não andamos de olhos fechados, que a produtividade do trabalho está longe de alcançar os níveis desejados. Muitos, até, reivindicam salários inacessíveis, mas nunca pensam em cumprir com os seus deveres. E é fácil constatar, não precisando de ser economistas, que sem se produzir não é viável a criação de riqueza e, consequentemente, de se proceder à sua distribuição. Nos serviços públicos e aparentados, então, é uma tragédia. Com frequência se encontram os locais de trabalho vazios, com as pessoas fora dos seus lugares, em cavateira amena, quando não fora dos próprios edifícios. Ho-

Que o Senhor nos ajude a mergulharmos através do cerne até à medula na nossa Doutrina — Seu Evangelho. E será mais viva no coração de todos, a fé, a confiança, a alegria e certeza no nosso caminho!

Avivemos, também, dentro de nós, a verdade de que é o Senhor que continua a Sua Obra.

Padre Telmo

rários, por sua vez, são coisas para não se terem em conta.

Um absentismo atingindo as raias do despudor, com baixas fraudulentas nos mais variados sectores, que não dignificam ninguém e muito menos quem as concede, é responsável também pela baixa rentabilidade dos serviços e das empresas. Com aquilo que se observa não é possível criar um futuro capaz, para lá da má saúde moral que uma sociedade assim revela e que será sempre causador de caos e de injustiça.

Situações de sub-emprego, geradoras de inéxito ou de dificuldades insuportáveis, em nada contribuirão, se normais e à necessitarem a miúdo de suplementos financeiros saneadores, para um desenvolvimento harmónico e portador de redistribuição ou de fomento económico-social.

A delapidação das coisas oficiais e, não esqueçamos, uma fraca educação cívica, leva a menosprezar tudo o que é estatal ou equiparado, é uma constante de todos os dias. O desperdício ou os gastos sumptuosos com os dinheiros públicos, nas organizações civis ou militares, estão longe

Cont. na 4.ª página

PASSAGEM DO TESTEMUNHO

Como informámos há tempo, P.e Telmo foi eleito, em Setembro passado, Superior dos «padres da rua» e Orientador da Obra; e, por inerência, dirigirá a Casa de Paço de Sousa e O GAIATO.

Esperamos que quando este número vos chegar às mãos, tenha assumido em pleno a sua missão, depois destes meses passados em Malanje, na dolorosa tarefa de confortar os que lá ficam e de procurar a melhor compensação possível para a falta que lhes deixa: aos nossos Rapazes e às populações que vinha assistindo com maior entrega desde que a Casa do Gaiato foi tomada em Abril de 1979.

Decerto P.e Telmo irá contando como foi esta longa agonia das Casas do Gaiato em Angola. Hoje mesmo, na sobriedade e beleza que eu não digo o seu estilo porque é ele próprio, sugere o amargo que esta separação lhe custa, a acrescentar ao peso maior da cruz que sobre seus ombros recai. Ele tem arcaboço e a Graça supre.

Que o seu sacrifício, e semelhante para que se vão preparando os nossos padres ainda em Angola agora, que a missão específica da Obra permanece impedida, em dever de regressar — que tais sacrifícios mereçam um despertar da vontade de regresso lá, de tantos Missionários que por cá estão e que as portas lhes sejam franqueadas, para que aquele Povo, dilecto filho da Igreja que A tem tão enraizada no seu coração, goze a alegria de rever e ter consigo os seus pastores.

Padre Carlos



«(...) E será mais viva no coração de todos, a fé, a confiança, a alegria e certeza no nosso caminho!»

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

FUGITIVOS — Modesto, Amândio e Miguel fugiram, depois da alegria do Natal.

Eles são daqueles que guardam as vacas. Descuidaram-se e deixaram que elas fossem causar estragos. Elói — chefe da Casa — prometeu chamá-los à responsabilidade. Com medo do castigo, fugiram.

Noite muito fria. Os irmãos mais velhos foram procurá-los. Correram as redondezas da nossa Casa. Nada. Notava-se tristeza no semblante destes rapazes. Compreendiam o drama destas crianças sujeitas ao abandono.

No dia seguinte apareceram. Andaram por lá e, depois, aconchegaram-se nas palhas da nossa vacaria. A lembrança da mesa e o agasalho da cama fê-los voltar para o regaço da comunidade. Eles são muito nosos...

REIS — Marinho mais o Rui são os nossos reis. O regaço das senhoras tem substituído o da suas mães.

Ontem vi o Marcolino chamá-los para o pé dos outros que já varrem as ruas. Eles fugiam para o pé das mães. Compreendi a insistência do Marcolino mais a fuga dos dois pequeninos: têm que ser integrados na vida dos outros — iniciação no trabalho. «De pequenino é que se torce o pepino»...

CIGANOS — «Meu pai é cigano.» Eu passava no refeitório à hora da refeição. Marinho chama do seu lugar e confidencia: — «Meu pai é cigano». Compreendi e disse: — Não faz mal.

Tinha ido, naquele dia, ver o pai que está preso numa colónia penal. Sr. P. e Acílio — o seu «Tê» grande — levou-o. Não sei como soube da raça do pai. Se ninguém vier «roubá-lo» será um cigano capaz de encaminhar outros.

Nós acreditamos que estes pequeninos de hoje, sejam os conquistadores de amanhã. «Meu pai é cigano.» Oh! ternura saída dos lábios duma criança!

ACUSO — Quem passa por elas é que sabe dar o valor. Tive um acidente no trabalho e recorri ao «banco» do hospital. Um policlinico aparece, «arregaça as mangas» e, com zelo e paciência, remendou-me o dedo. Outro passou e disse que fosse ter com ele para tratar dos ossos noutra hospital.

— Não, não posso, tenho que ir ao seguro — respondi.

Fui então ao seguro e «candeí de Herodes para Pilatos»: caminhada de dor, noite e dia! Hoje um médico, amanhã um policlinico; hoje um enfermeiro, amanhã outro. Até que apareceu uma «Maria da Fonte», enfermeira, que se impôs à simples rotina do médico e bradou que isto não pode ir com pensos. Foi então que um médico já «maduro» manda operar. E é daqui que falo, com muitas dores, mais pela maneira como os Seguros mais certas Caixas actuam. Pagamos para sermos, por vezes, olhados como animal que vai ser mostrado na feira!

Dou graças ao Pai do Céu por encontrar aquela «Maria da Fonte», que ganha o seu salário cumprindo a sua obrigação.

CONVIVAS — Outra vez eles. Desta vez propuseram catequizar alguns dos nossos. São uma candeia acesa na Igreja de Setúbal. Jovens apóstolos na conquista do Reino. Faróis doutros jovens que caminham na cegueira da incerteza. Acordar, abrir os corações para a Luz em convívio, em alegria.

PRESENCAS — Tivemos muitas presenças amigas. Por carta, por carro, etc. Adultos, jovens, crianças, com dinheiro, roupa e guloseimas.

Esteve uma Escola com professores e alunos. Reparei no vai-vem daquelas crianças, cada uma portadora do que arranhou em casa. Parece não ter importância, mas tem. Eles não-de dar fé que Cristo está nos Irmãos e, segundo aquilo que o Pai nos ensinou, é pelos corpos que se chega às almas.

Noutro dia veio uma outra excursão, do mesmo modo. Era gente das Praias do Sado e do Taralhão. São nossos vizinhos. Não sei quem a organizou, mas digo a todos que esperamos por mais. Tanta gente junto de nós e que ainda nos desconhece! É preciso virem até nós ver e tomar conhecimento da nossa vida. Temos rapazes de Trás-os-Montes ao Algarve. São tão vossos como nossos.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Viúva há cerca de um ano, concedemos-lhe a subsistência necessária e à sua prole (contos de réis por mês), enquanto o Montepio dos Servidores do Estado não despacha a pensão de sobrevivência.

Que diriam ou fariam os responsáveis da lei, e/ou aplicação da lei, exactamente na mesma condição dos Pobres?!

Reflectimos deste modo pela queixa permanente dos Fracos e Oprimidos. Além da situação concreta de Viuvez, Terceira Idade, etc., sofrem mais este calvário que se arrasta, incompreensivelmente, qual tortura que viola, e viola mesmo!, os Direitos do Homem.

Ela, a Viúva, aparece hoje com um ar dramático. Escutámos e procurámos animar e suprir — mais uma vez.

— «Arrecebi estes avisos do Tribunal. Tenho já de pagar mais de 10 contos por mor do inventário...! Sem a Conferência, que teria eu p'ra dar aos meus filhos?!...»

Momento doloroso! A Viúva seguiu logo pró Fisco com notas do Banco de Portugal — que seriam para matar a fome...

O imposto sucessório é da casita que o marido levantou, com extraordinário sacrifício, em regime de Auto-construção, e não pôde liquidar os investimentos, que a morte ceifou-lhe a vida. Ainda não há muito,

um credor exige à Viúva o pagamento duma letra de 15 contos, até 31 de Dezembro. Fomos lá e procurámos fazer doutrina. O homem recua e avança: — «Reformo a letra para 18 contos...» Mas não intervém judicialmente! O compromisso será pago quando ela receber os atrasados do Montepio; pequenas fortunas que podem provocar desvarios entre os miseráveis..., e não dizem lá muito bem da gestão financeira de um País pobre.

Diríamos ainda que o imposto sucessório de 11 contos e tal por uma pequena moradia, quase sem o mínimo de condições, é injustiça fiscal e social, pois trata-se duma família indigente. Mas as leis — tão crivadas! — não fazem distinção de classes...! O direito à habitação está inscrito na Carta Magna, mas neste caso é letra morta, na medida em que as moradias dos Pobres — autenticamente pobres — são mercadoria para colecta de impostos!

Se não fosse a pronta acção da Conferência, como poderia esta Viúva reter na sua posse o único bem que usufrui, no meio da miséria que seria... e motivaria outra ou outras misérias?!...

Agora, que a problemática da Família está na brecha, aí temos mais um caso concreto — dos meios rurais — que precisa de decisão conforme as necessidades. Não basta pregar a Família, as suas virtudes. É preciso agir em sua defesa, sobretudo em pormenores que escapam aos legisladores, ausentes dos meios rurais, a não ser como visitantes das belezas do País que somos — mas guardam na sombra, no silêncio dos campos, tragédias de que os responsáveis nem sempre dão fé!

CONTAS — Antes de apresentarmos contas, do ano findo, à Sociedade de S. Vicente de Paulo, temos obrigação moral de as revelar, prioritariamente, aos estimados leitores, único suporte material da acção desenvolvida em benefício dos Pobres. Recebemos 290.550\$00 por intermédio de O GAIATO e 32.686\$00 doutras proveniências.

Concedemos 180.930\$00 de auxílios domiciliários; 60.000\$00 a 12 Auto-construtores; 25.000\$00 a dois núcleos de activos recoveiros dos Pobres; 1.240\$00 a Reclusos; 7.285\$70 em produtos farmacêuticos; rendas de casas, 11.000\$00; despesas diversas 3.355\$00; contributo ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, 5.200\$00.

O milagre da multiplicação dos pães!

Audimos a muita gente, graças a Deus, numa linha de promoção social dos Pobres. Centrámos o nosso trabalho em carências que passam quase despercebidas e, algumas, poderiam não ser se houvesse uma recta consciência social; não falando, já, de casos típicos, que também não seriam graves, se as famílias, os responsáveis fossem pela ajuda fraterna — a Justiça Social.

É o Deficiente irreversível de quem somos apoio moral e espiritual. E, ainda, o recuperável a quem cedemos os meios necessários à angariação do pão-nosso-de-cada-dia por suas próprias mãos; já que, por outras vias, pouco se vislumbra de concreto, só conversa fiada, e mais

estamos no Ano Internacional do Deficiente!

É o Rural que motivamos séria e atempadamente para o Seguro Social, qual medicina preventiva.

É o Analfabeto que nos procura, amargurado, por causa dos direitos sociais — protelados muitas vezes!

É a Viúva desamparada pela própria Segurança Social e cujos filhos, por falta de mão amiga, sofreriam morte lenta e ela poderia cair na prostituição...!

É a Terceira Idade marginalizada pelos seus — à beira do fim.

É o Marginal que da corte faz tecto e abrigamos em casa decente — Património dos Pobres.

É o Auto-construtor que, na hora própria, requer auxílio para cobrir a moradia — primeira grande etapa duma acção heróica.

Aqui, pelo respeito que nos merece a Auto-construção, façamos uma pausa. Um perito afirma que «para suprir a falta de 800.000 habitações Portugal tem de construir o dobro». Mas o que a gente lê e ouve gira à volta do crédito (mais «terço» menos «terço»...), como se as moradias subssem apenas com dinheiro — e uma quase ausência de caminho recto e concreto estimulando a Auto-construção nos meios rurais! Como?

UM SONHO

Sonhei
Que a dignidade das pessoas
Simples e boas
É respeitada.
Sonhei
Que há fraternidade
Entre os homens
De qualquer idade.

Espero que um dia
Possas sonhar também
Ou contar a alguém
Este lindo sonho.

Sonhei
Que não há guerra
Nem miséria
Em toda a Terra.
Sonhei
Que não há ambições
Nem obsessão de lucro
No fundo
De todos os corações.

Espero que um dia
Possas sonhar também
Ou contar a alguém
Este sonho lindo.

Sonhei
Que a mulher
Mais não quer
Ser escrava do homem.
Sonhei
Que as crianças
São tão ricas
Como a poesia
E as danças.

Espero que um dia
Possas sonhar também
Ou contar a alguém
Este sonho lindo.

Apoio técnico e processual: simplificação burocrática, terrenos loteados a preços razoáveis, projectos, crédito adequado às classes pobres. Preterir milhentas acções de Auto-construção, isoladas ou a nível de grupo, é omissão ou negligência que prejudica gravemente a Família, os meios rurais — a Nação.

O ritmo actual da construção, a nível nacional, é da ordem de quatro fogos por mil habitantes; taxa diminuta, muito aquém das necessidades e muito inferior à de outros países europeus — como a França e a Alemanha Federal — cujos índices de construção anual são oito a dez fogos por cada mil habitantes. Em suma: «Ainda não se fez em Portugal um esforço sério e decisivo para resolver as carências de habitação», particularmente das famílias de menores recursos — dos Pobres! Um grande fracasso, repetimos; é a ausência de estímulos à Auto-construção nos meios rurais. Talvez mais uma causa do êxodo para os meios urbanos... Aliás, um dado subalternizado pela macrocefalia reinante!

PARTILHA — Quitéria, de Lisboa, 500\$00 para «onde virmos mais necessidades». Três vezes mais deixados na Casa do Gaiato, Tojal. Rua Marquês de Fronteira, Lisboa, 250\$00. De Moura, idem, «para ajudar alguém». Vales de correio: Recardães (Águeda) e Macedo do Peso. Remessa feita de S. Mamede de Infesta. A. F., do Porto, com duas presenças numa só: 280\$00 mais 500\$00. Ainda do Porto, 500\$00 da Rua Matias de Albuquerque. Meta-de do Caramulo, 100\$00 de Parede. Cheque de Santa Cruz do Douro e muita amizade e inquietação por todos nós. 500\$00 d'algures. O mesmo do assinante 10985. O triplô de algures. Parede, mais um cheque: «Seria para a consoada dos amigos Pobres, mas vai atrasada! Será para o que for preciso». 500\$00 de Oliveira do Hospital «para a Viúva cujo filho necessita de boa alimentação por estar doente».

Marinha Grande:
«(...) Se sobrar alguma coisa, de O GAIATO e livros, é para a Conferência, cujo noticiário me tem feito comover. Também já fui vicentina e, por causa de uma doença grave no coração, limítimo-me, agora, a ajudar materialmente a nossa Conferência aqui e quero também ajudar a vossa, para que o Senhor Se digne ir-me saldando as contas, que são bem grandes!».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL — Realizaram-se dois encontros de futebol, um para a camada dos 16/17 anos, outro com a nossa equipa habitual.

No primeiro desafio, as duas equipas atacaram muito bem, mas a visitante — não resistindo à nossa von-



Do que nós necessitamos

Peditório feito pelo responsável de uma Escola de Condução de Guimarães, somou 4.445\$. De Santa Cita, cheque de 10.000\$. Dum funcionário bancário, 5.000\$ de Espinho. De alguém que trabalha nas Infra-Estruturas da Força Aérea, 100\$ mensais. Dum José, 500\$. Anónimo de Rio Tinto com 1.000\$. Mais 2.500\$ de Lisboa. De Urros, dois relógios despertadores e boas esferográficas. 3.000\$ de Castanheira do Ribatejo. «Pai de Nova Oeiras» com 500\$. Da Av. da Igreja, 1.000\$. «Com muito carinho e muito amor», cheque de 10 contos de casal amigo. 250\$ da Calçada da Estrela. 5.880\$ de Valongo, no dia em que P.e Carlos falou na Igreja paroquial. Cheque de 500\$ de Aveiro, de horas extraordinárias.

Do magusto do Pessoal do Centro Regional de Segurança Social da Covilhã, 450\$. Vale de 10.000\$ de Gavião. Viúva de Campanhã, com migalhinhas que somaram 3.017\$. Anónima com 1.000\$. «Com muito amor», dois vales de 10.000\$ da Rua Duque de Loulé. 5.000\$ de Amigo de Perosinho. Anónimo com 500\$, por intermédio da Câmara Eclesiástica de Leiria. De alguém na Ordem do Terço, 500\$. Dos trabalhadores da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto — Sector da Piedade, 2.620\$. E de «duas irmãs cinfanenses», 1.000\$. Mais 5.000\$ de anónimo da Póvoa de Varzim. 3.000\$ de Santo Tirso. E 16 contos de Aveiro. 5.000\$ de Espinho. 1.000\$ de Cete, de quem pede orações e cumpre promessa a

Pai Américo, agradecendo ainda o bom êxito dos exames de seus filhos.

De «uma alentejana» 2.000\$, alegrando-se com os 41 anos da Obra da Rua. Cheque de 4.500\$, de Setúbal. 1000\$ de Lisboa. E 200\$ da «criada Maria». Mais 9.000\$ do Porto, de pessoa anónima, entregues aos Missionários do Espírito Santo, com o fim de nos remeterem. 2.000\$ de Pinhal Novo. 3.000\$ de Lisboa. 1.000\$ de Oeiras. 500\$ de Alzira. Maria recorda as vítimas do sismo em Itália com 300\$. De Agueda 1.000\$. Outra Maria, de Sabrosa, com cheque de 20 mil escudos. De Paços de Brandão, 1.500\$. Vale de 3.000\$, de Queluz. 5.000\$ de Lourosa. De S. Mamede de Infesta, 7.300\$ de um primeiro ordenado. Mais 2.000\$ de Setúbal. E o muito que nos chegou, vindo do Espelho da Moda e entregue à porta do Lar do Porto.

Pelas mãos do Pároco de Mafamude, 450\$ sua paroquiana. Cheque de 800\$ de Cem-Soldos. 2.000\$ de Espinho. Sousa, de Peniche, com 1.000\$. Do Porto e dum empréstimo retribuído, 8.700\$50, trazidos pelo Carlitos. 1.000\$ de Matosinhos. Assinante 31379 com 1.500\$. Igual quantia da Rua Monte Cativo. 250\$ do Porto, dum mestre de obras. 2.000\$ da assinante 8492. Cheque de 1.000\$ do Porto. 1.500\$ de Vermoim. Dum grupo de Gulpihares e de peditório feito na nossa Capela, 7.370\$. Assinante 13693 com 6.100\$. E da Av. Manuel da Maia, 500\$. Mais 1.500\$ de Lisboa. De Pinto & Cruz, L.da, a lembrança de Natal com cheque de 9.000\$.

Duma reformada, 150\$. Maria Manuela com 5.000\$. Dos colaboradores do Porto da Sociedade de Electricidade Brown Boveri, L.da, 5.350\$. De M. E. 2.000\$. Da venda de rosas de Soeime, 10.000\$. E por alma de António Sobral Monteiro, 200\$. Anónimo com 300\$. Do

Pessoal de Tráfego dos T. L. P. 565\$. Mais 5.000\$ de Cascais, 500\$ do Porto. E 1.000\$ de assinante em França. Vale de 5.000\$, dum enfermeira de Braga. 10 contos de «um velho amigo». E 500\$ de Paredes pelas mãos do «Shéu». 250\$ de anónimo. 1.000\$ de Nova Oeiras. 200\$ dum Isabel de Algés. 400\$ de M. Dagge. 5 contos do Porto. Mais outro tanto de Lisboa. 200\$ de anónima de Espinho. E 500\$ de Maria José. Vale de 2.500\$ de Cascais. 4.000\$ da R. Sá da Bandeira. Dum prospector bancário, de Penafiel, 500\$.

Cheque de 4.500\$ de Valadares e muita simpatia. 250\$ de Leiria. 1.000\$ de Joane. 500\$ de anónima. Duma paroquiana de Serzedo e pelas mãos do seu Pároco, 1.000\$. Maria Emília com 500\$. Duma senhora de Alfena, 5.000\$, por intermédio do Seminário do Bom Pastor. 1.000\$ da Av. Madrid. 500\$ da Póvoa de Varzim. 300\$ de Sintra. E 500\$ pelo 58.º aniversário da Firma Polónio Basto & C.ª L.da. 250\$ de Avó de Lamego. Mais 6.370\$ de Fânzeres. E 500\$ de anónimo. Dum membro dum Comissão já extinta, 3.300\$ de Reguenga — Santo Tirso. 500\$ da Costa Nova. Por alma de Maria Esperança, 2.000\$ de Torrozel. 3.000\$ de Adelaide. Vale de 2.000\$ de «amigos de Paço de Arcos». 1.000\$ de Espinho. 500\$ do Porto. 12 contos de Lisboa. E 2.900\$ pelas mãos amigas da recoveira do Bairro da Pasteleira.

E dum amigo da primeira hora que ao longo da caminhada dos 41 anos que a Obra da Rua passou, esteve sempre presente, comungando das nossas alegrias e das nossas tristezas. Dele, a delicadeza da sua oferta de 41 contos, dentro de humilde envelope e acompanhado de simples cartão. Por tudo, graças ao Pai do Céu.

Manuel Pinto

RETALHOS DE VIDA

O «Chinês»



Nasci a 11/12/65 e sou natural de Miragaia (Porto). Tenho cinco irmãos, uma rapariga e quatro rapazes. Aos quatro anos de idade, meus pais meteram-me na Casa dos Pobres, onde fiquei três anos. E, daí, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde me encontro muito bem.

Vim para a Casa do Gaiato porque os meus pais são pobres e não me podiam sustentar.

Aqui, fui logo trabalhar no grupo dos «Batatas»; depois, na lenha, tipografia, rouparia; e, agora, fui para a limpeza das casas.

O meu irmão mais velho e a minha irmã estão com os meus pais. Eu e mais dois, na Casa do Gaiato.

Já frequento o 2.º ano da Telescola.

Não mais esqueço que o meu pai se zangou, uma vez, com a minha mãe, que andava de bebé!

Fiz muitas asneiras em nossa Aldeia de Paço de Sousa, mas já recuperei muito, graças a Deus! Quando for grande, quero ser profissional de Artes Gráficas.

Para todos os que me estão a ouvir, mando um grande abraço.

Manuel Augusto Ferreira («Chinês»)

mundo de ódios e violências, testemunham, com simplicidade, força e autenticidade, o Amor de Deus.»

Calendário (Vila Nova de Famalicão):

«... Não quero alongar-me muito no texto desta carta, pois tenho medo de me entusiasmar em demasia. Prefiro, sim, recorrer-me à insignificância...»

«Quem tiver dúvidas acerca da Obra da Rua, basta ter o «Famoso» — jornal de pequena estatura mas de envergadura — e lê-lo com muita atenção. Naquela português tão simples, encontram-se remédios para todos os

rico, mais um motivo de alegria entrou em minha casa!

É uma jóia que nos legou o nosso Pai Américo. Jóia de muito valor, pois ela veio, mais uma vez, enriquecer a nossa alma, iluminar o nosso espírito, indicar-nos o caminho que conduz ao Céu.

Cada livro que recebo, de Pai Américo, sei de antemão o que a sua leitura me vai proporcionar: coragem, resignação e mais amor ao meu Semelhante.

Quando anunciais a edição de um novo livro, fico ansiosa por que me chegue às mãos para saciar-me na sua leitura.

Não tenho palavras com que possa traduzir tudo quanto os livros de Pai Américo operam no meu espírito!»

Assafarge:

«O livro DOUTRINA veio em boa hora! Encontro-me doente e, por isso, mais bem preparado para receber a Doutrina.

Confesso que o sermão por ele pregado em Fátima, há bastantes anos, faz-me compreender por tantos Pobres da barraca e crianças abandonadas à maior miséria...»

Este correio é Fogo! São pequeninas amostras do que temos em mãos e não podemos inserir tudo n'O GAIATO.

Ora o leitor desprevenido, que hoje desperta, se quiser uma qualquer obra da nossa Editorial, tenha a bondade de nos escrever. A malta responsável pela expedição avia recados logo na volta do correio.

Júlio Mendes

tade — acabou por perder por 7-2.

No 2.º encontro, a nossa equipa defendeu-se bem; mas a outra, dando sempre réplica ao nosso trio atacante, acabou por marcar logo na 1.ª parte, chegando ao intervalo a vencer por escasso 1-0. Na segunda parte, a nossa equipa orientou-se mais um pouco e impôs o resultado, ficando vencedora absoluta por 4-2.

POMAR — Estamos a tratar do nosso pomar. Eu, Jorge e Serafim lá andamos a lançar adubo e estrume pelos regos fora. O nosso pomar, constituído por pereiras e macieiras, tem-nos dado boas e deliciosas sobremesas!

PINTURA — Luís Mendes, pintor, também estudante na Escola A. D. Soares dos Reis (Porto), realizou já várias exposições dos seus numerosos quadros — relacionados com a Natureza — por algumas terras do Norte de Portugal: Vila do Conde, Paço de Sousa, Braga, etc. Por isso, deixamos um convite aos leitores que apreciam Artes Plásticas: em 15 de Fevereiro — domingo — teremos em nossa Casa de Paço de Sousa mais uma Exposição de Pintura daquele filho do nosso Júlio Mendes, a qual poderá ser visitada a qualquer hora desse mesmo domingo e tem como tema principal: «Imagens do Vale do Sousa».

«Salsichas»

O terceiro volume do livro «DOUTRINA»

A *precissão* de interessados pelo terceiro volume do livro DOUTRINA, continua em grande marcha! São pedidos de todo o mundo onde haja um português. E ressonâncias que não temos coragem de esconder, pois são almas abertas, almas inquietas — que fumegam!

Vamos dar, já, a palavra aos nossos leitores.

Lisboa:

«Recebi o terceiro volume do livro DOUTRINA que me veio

consolar, inquietar, zurrir e comover, como tudo o que saiu da pena de Pai Américo. Nem admira, que ele bebeu no Evangelho!

Só agora escrevo porque tenho andado sempre mais ou menos adoentada. E há mais as preocupações, o trabalho (sou professora), os desgostos...»

Bem hajam por me terem enviado o livro!

Bendito o Senhor por estas almas à Padre Américo, à Irmã Teresa de Calcutá, que, neste

males. E todos os que puderem adquiram o livro DOUTRINA. Leiam com muita atenção e meditem bem na lição que o Pai Américo dá, também em português simples, sem filosofia, ao mundo inteiro, dentro do campo social...»

Outra vez Lisboa:

«Peço desculpa por só hoje vir acusar a recepção do livro DOUTRINA!

Mais um livro de Pai Amé-

SETÚBAL

por P.e Acllio

O Natal veio até nós como dádiva gratuita!... Sentimo-nos — os pobres de Deus — bafados pelo Seu carinho e ternura!...

Jesus, o Enviado do Pai aos homens, pôs-Se em cada um de nós. Ouvimo-IO dizer-nos: — Sou Eu que estou em ti. Nasci no meio de vós para que os homens reconheçam toda a vossa dignidade e grandeza.

Nós, os pequeninos e pecadores, deixamo-nos imbuir por toda esta atmosfera inefável de festa sobrenatural e humana e saboreamos a Paz, a Alegria e a Gratidão.

Não há, na verdade, para os Pobres, no ano, quadra mais festiva! Ontem, ao fim do dia, numa palavra que costume dirigir aos rapazes, explicava-lhes que o tempo litúrgico do Natal acabava com a Epifania. Dizia eu: — «Acaba o Natal...» e sou interrompido

pelo mais novo da Comunidade: — «Não Té (eu), o Natal não acaba!» O menino saltou do lugar, agarrou-se a mim, abraçando as pernas, levantando muito a cabeça para fixar os olhos nos meus, em súplica ardente, como se eu pudesse tudo e também prolongar o Natal: — «Não, Té, não acabes com o Natal. O Natal não acaba».

Enterneceu-nos muito e compreendi. Ele vivia ainda tão intensamente a emoção encantadora da quadra natalícia que temia perder o seu fascínio.

Foram os passeios, os brinquedos, as guloseimas! É o presépio, as árvores iluminadas! É a festa com o folclore e o auto de Natal! É a Missa do Galo com os cantos singelos e melódiosos a Jesus nascido! É a consoada e a vigília forçada, na cama, à espreita da prenda que vai cair no sapatinho. É todo um ambiente de alegria contagiante e ner-

vosismo sadio que arrebatava os rapazes.

Os Trabalhadores da Lisnave ofereceram dois passeios em autocarro, uma festa, almoço, prendas e guloseimas!

Noutras empresas, gerou-se, à maneira de anos passados, uma corrente de solidariedade que tocou muitos operários... e assim: Os da Secil entregaram-me 20.145\$50. Os da Portucel, de Setúbal, trouxeram 27.430\$00. Os do Centro Regional de Segurança Social 8.220\$00. Os da Secção de facturação do Centro de distribuição da E. D. P. de Setúbal 1.800\$00. Os da Caixa de Previdência 5.000\$00 mais 200\$00. Os da Inapa 6.847\$50. Os da Junta A. do Porto de Setúbal 4.540\$00. Os da Sapec — os primeiros que tiveram esta iniciativa — ter-se-ão esquecido este ano?!

Vários grupos de Cristãos acorreram, também, com ofertas. Do Seixal 9.200\$00 De Praias do Sado 2.210\$; do Faralhão 4.081\$; da Anunciada, 10.000\$; do Poceirão e Águas de Moura, 15.690\$. De Toulouse (França), 1.000 francos e vários quadros em pano, feitos com arte, originalidade e

gosto para decoração dos quartos dos mais pequenos.

Vieram Amigos com cinco, dez, quinze, vinte, vinte e cinco e cinquenta contos. Os anónimos e os escondidos com vales de correio, cheques e dinheiro entregues no Lar, no escritório das oficinas, aos vendedores, aqui em Casa e na minha mão. De longe e de perto chegaram provas de carinho com votos sacrificados de Boas Festas!

Alguns nossos antigos gaiautos não nos esqueceram e, das suas magras economias, repartiram 500\$ duas vezes mais 1.000\$.

Palmela e Quinta do Anjo voltaram a estar connosco com dádivas deixadas na Casa da D. Maria do Espírito Santo e pelas mãos generosas das Senhoras que, semanalmente, nos preparam as roupas, com a rica carne que vamos buscar à Socar e uma carrada de bolos e mercearia dos empregados da mesma e o donativo pecuniário do dono com expressões de muita amizade.

Viúvas pobres e remediadas, imbuídas de sabedoria humana, marcaram bem, entre nós, o seu Natal de bem-fazer, fixando o nosso olhar de gratidão no Pai de todos os dons.

Casais jovens e idosos, com intenções, todas elas repassadas de preocupação cristã, peregrinaram até à Casa do Gaiauto, como noutros tempos, os pastores ao Presépio!

A Capela da Quinta das Torres, de Azeitão, fui buscar as oferendas da Eucaristia dos domingos, do Verão para cá: 23.272\$00.

Padres e Bispos partilharam também as suas dádivas: vinte e um mil e duzentos escudos. Uma comunidade de religiosas pôs no meu bolso dez mil escudos.

Vizinhos trouxeram mercearia, vinhos, 18 contos, mais mil e mais quinhentos escudos. Tem um sabor especial a colaboração dos vizinhos! Durante muitos anos, escapou-lhes o significado da nossa acção. Hoje vão compreendendo e comungando!...

Também as pessoas assalariadas, que trabalham para nós, repartiram os seus fracos salários. Soube-nos tão bem!... Eles ajudam-nos com o seu esforço e conhecem as nossas dificuldades.

Dado que as obras em curso são um sorvedouro insaciável, o nosso P.e Horácio, de Coimbra, dividiu connosco parte dos donativos de Natal. É uma prova de fraternidade que não sabemos retribuir.

Compete-nos a Fidelidade ao Senhor na plena Luz da Sua Pessoa e da Sua Mensagem, como a intuiu Pai Américo e um ininterrupto sentimento de gratidão por nos haver chamado a servi-IO assim.

Padre Acllio

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

de constituir um convite à poupança e de servirem de exemplo a quem quer que seja. A austeridade a que a situação económica mundial e a portuguesa, em particular, nos convidam, tem, assim, fraco incentivo.

Porque referimos, embora de modo sincopado, os aspectos atrás enunciados? Por amor dos Fracos e Marginalizados; em virtude das carências existentes em serviços essenciais, condicionantes do bem-estar das populações menos apetrechadas ou de menores recursos. Em luxos e coisas supérfluas, em banquetes e festas sem conteúdo, mais ao sabor de petulâncias ou de vaidades mesquinhas, gastam-se centenas ou milhares de contos, enquanto o que é essencial, porventura em equipamento hospitalar, educacional ou equiparável, aguarda verba ou cabimento um rol de meses ou de anos, se é que chega a ser encarado.

Senhores, sobretudo os mais responsáveis, vamos munir-nos de vassouras e varrer da vida o que não está certo. Sériamente empenhados no bem-estar das populações, nos seus mais variados aspectos, procuremos todos ser comedidos e zelosos administradores dos bens públicos, cumprindo os nossos deveres e trabalhando com afinco para uma sociedade mais sadia e justa, certos de que não somos donos de nada, mas antes servidores uns dos outros.

● Quem passa pelo Rossio, sobretudo a certas horas do dia, topa com frequência, frente ao Teatro D. Maria, onde param os autocarros de Turismo, com o espectáculo insólito de grupos de jovens ou

de pessoas de outras idades, sentadas ou deitadas no chão, curtindo o uso da droga ou de bebida em excesso, às vezes andrajosamente vestidos e a urgir água e sabão. Não queremos julgar ninguém. Há autoridades adequadas e, ali bem próximo, uma delegação da Corporação Cívica conhecida por P. S. P. O que não somos é bombeiros para apagar ou tentar debelar todos os problemas. Aqui fica o registo para quem de direito.

● Registamos também. Em locais distintos, conforme os dias ou as horas, na Rua do Carmo ou próximo dos Restauradores, um cego abraçando duas crianças de tenra idade e sentado no chão, pede frequentemente esmola. Sobre tudo nos dias mais frios, mesmo neste Inverno-Primavera, o facto arrepia-nos. Não podemos, porém, andar sempre a caminho da esquadra, como, aliás, já o fizemos. Se os carros mal estacionados são rebocados e há agentes solícitos para nesse sentido providenciarem, porque não conduzir para local adequado aqueles que jazem nos passeios e precisam de tratamento específico e adequado?

● Porque não queremos ser armazém de roupas ou mobílias, sem significado ou interesse comunitário, informamos os nossos Amigos que estamos fornecidos e que poderão veicular para outras instituições ou pessoas necessitadas as suas ofertas. Se precisássemos falar-lhes, como temos feito sempre. De calçado não poderemos dizer o mesmo, que os Rapazes são 116 e rompem-no de que maneira! Bem hajam.

Padre Luiz

PARTILHANDO

■ Ontem à noite fui a casa da mãe do «Zé Galegos». É uma casinha do Património dos Pobres. Bati à porta, meia aberta e iluminada pela luz da vela e perguntei:

— Posso entrar?
Do lado de dentro, a voz da mãe: — Quem é?
E a voz do filho: — Pode, pode.

Entrei e vi os dois sentados à lareira da cozinha e à luz de uma candeia a petróleo, a preparar uma massinha para a ceia. A mãe puxou uma cadeira, cobriu-a com um pano branco e mandou-me sentar. E eu sentei-me para conversarmos sobre o filho.

Ele veio para a nossa Casa com cinco anos e agora, que vai fazer dezasseis, fugiu-nos há dias para a casa da mãe. Ela é muito doente e tem agora uma pequena pensão. E eu quis saber e fazer ver a acção que ele devia tomar. A nossa porta ainda estava aberta e, amanhã, não estará, com certeza! E ele preferiu a mãe à nossa Casa, que também foi mãe para ele, durante onze anos. Ele preferiu, a mãe também e ambos se escolheram mutuamente. Mas ele cobriu de lágrimas a sua opção entre uma força ou outra e ambas muito fortes. Uma vida mais livre e uma mãe! E outra vida menos «livre» porque mais cheia e também outra mãe! O seu passado consciente é todo nosso... As suas lembranças, as suas histórias de criança, os seus carrinhos e histórias aos

quadrinhos, as obrigações e estudos, a sua inteligência e coração! Tudo nosso, tudo dele!

Ele tem já trabalho em vista e quer continuar a estudar à noite, sem parar, por agora. «Zé Galegos» é também um filho da terra de Pai Américo! Filho da Sua Obra também! E, por isso, não o queríamos perder...

Despediu-se com um abraço bem cheio de lágrimas. Naquele abraço trouxe comigo a lembrança forte do «Zé Galegos», sentado à lareira de uma casinha pequena e pobre, ajudando a mãe a fazer a ceia que, naquela noite, era massa...

■ O Sampaio continua a gostar de animais... Lá por ter dado, em tempos, aquela grande sova ao cãozinho preto, isso não quer dizer nada! O pau e o pão dão-se com a mesma mão. Parece que é assim.

De vez em quando, vejo-o chegar daqui e d'acolá e ao perguntar donde vem, a resposta é natural: — «Fui ver um tourinho, um porco, etc.».

Não faz concorrência a ninguém! Ajuda, quando lhe pedam, os nossos vizinhos. Só por amor!

Em casa, continua a ter azar com os animais. Mataram-lhe dois patos e roubaram-lhe os ovos. Como se isto não chegasse, há dias, soltaram-lhe a cadelinha de raça e ela matou-lhe quatro garnisés. Quem ouviu das que não quis, da boca dele, fui eu. Oíçamos todos:

— «Se eu descobrir quem cortou a coleira e soltou a cadela que me matou os bichos, eu vou fazer das minhas...»

Nem sei que lhe disse. Parece que me calei, ao vê-lo tão zangado!

Ora, os patos e os garnisés não fazem mal a ninguém. Só sujam as roupas do estendeiro...

Não estou de acordo que se solte a cadela e que se prendam os patos... Vamos a votos e quem ganha sou eu e o Sampaio. De certeza!

Padre Moura



Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiauto — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telex: 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiauto — Paço de Sousa